



CADERNOS DE APOIO À APRENDIZAGEM

SOCIOLOGIA

Unidade 3 – versão – 11 junho 2021

1^A
SÉRIE



GOVERNO
DO ESTADO

SECRETARIA
DA EDUCAÇÃO

Governo da Bahia

Rui Costa | Governador

João Leão | Vice-Governador

Jerônimo Rodrigues Souza | Secretário da Educação

Danilo de Melo Souza | Subsecretário

Manuelita Falcão Brito | Superintendente de Políticas para a Educação Básica

Coordenação Geral

Manuelita Falcão Brito

Jurema Oliveira Brito

Leticia Machado dos Santos

Diretorias da Superintendência de Políticas para a Educação Básica

Diretoria de Currículo, Avaliação e Tecnologias Educacionais

Jurema Oliveira Brito

Diretoria de Educação e Suas Modalidades

Iara Martins Icó Sousa

Coordenações das Etapas e Modalidades da Educação Básica

Coordenação de Educação Infantil e Ensino Fundamental

Kátia Suely Paim Matheó

Coordenação de Ensino Médio

Renata Silva de Souza

Coordenação do Ensino Médio com Intermediação Tecnológica

Leticia Machado dos Santos

Coordenação da Educação do Campo e Escolar Quilombola

Poliana Nascimento dos Reis

Coordenação de Educação Escolar Indígena

José Carlos Batista Magalhães

Coordenação de Educação Especial

Marlene Santos Cardoso

Coordenação da Educação de Jovens e Adultos

Isadora Sampaio

Coordenação da Área de Ciências Humanas

Carlos Maurício Castro

Celeste Alves Santos

Renata Maria Oliveira e Silva Correia de Brito

Equipe de Elaboração

Adilma de Jesus Rodrigues • Ângelo Aparecido Soares Borges

• Antônio César Farias Menezes • Carlos Jerry das Neves

Bispo • Carlos Maurício Castro • Cláudia Regina de Barros •

Daniela Cerqueira Carvalho Nascimento • Denise Pereira Silva •

Elizabeth de Jesus Silva • Emerson Costa Farias • Fábio Batista

Pereira • Fátima Carmelo Balthazar da Silveira Lima • Gracione

Batista de Oliveira • Igor Santana Santos • Izis Pollyana Teixeira

Dias de Freitas • Jaqueline Pinto dos Santos Borroni • Juliana

Gabriela dos Santos Leal • Karla Santana Dos Santos Teixeira •

Lailton José Bispo dos Santos Junior • Lorena Rodrigues Vaz •

Luana Moura Quadros Carvalho • Luciene Santos de Almeida

• Luiz Arthur do Nascimento Rocha • Márcia Suely Oliveira

do Nascimento • Márcio Argôlo Queiroz • Margareth Rodrigues Coelho Vaz • Nallyne Celene Neves Pereira • Norma Suely Gama Couto • Otávio Silva Alvarenga • Oyama dos Santos Lopes • Pedro Anselmo de Siqueira São Thiago • Ramires Fonseca Silva • Renata Maria Alves Rebouças • Rodrigo Freitas Lopes • Rodrigo Silva Santos • Saulo Matias Dourado • Selma Reis Magalhães • Teotonilia Maria Batista da Silva

Equipe Educação Inclusiva

Marlene Cardoso

Ana Claudia Henrique Mattos

Daiane Sousa de Pina Silva

Edmeire Santos Costa

Gabriela Silva de Jesus

Nancy Araújo Bento

Cíntia Barbosa de Oliveira Bispo

Coordenação da Revisão

Ivonilde Espirito Santo de Andrade

Jurema Oliveira Brito

Leticia Machado dos Santos

Silvana Maria de Carvalho Pereira

Revisão de Conteúdo

Alécio de Andrade Souza • Ana Paula Silva Santos

• Carlos Antônio Neves Júnior • Carmelita Souza

Oliveira • Cláudia Celly Pessoa de Souza Acunã •

Claudio Marcelo Matos Guimarães • Edileuza Nunes

Simões Neris • Eliana Dias Guimarães • Gabriel Souza

Pereira • Helena Vieira Pabst • Helionete Santos da

Boa Morte • Helisângela Acris Borges de Araujo • Ivan

De Pinho Espinheira Filho • João Marciano de Souza

Neto • Jose Expedito de Jesus Junior • Jussara Santos

Silveira Ferraz • Kátia Souza de Lima Ramos • Leticia

Machado dos Santos • Márcia de Cácia Santos Mendes

• Márcio Argolo Queiroz • Mônica Moreira de Oliveira

Torres • Renata Silva de Souza • Roberto Cedraz de

Oliveira • Rogério da Silva Fonseca • Solange Alcântara

Neves da Rocha • Sônia Maria Cavalcanti Figueiredo

Revisão Ortográfica

Ivonilde Espirito Santo de Andrade

Ana Lúcia Cerqueira Ramos

Clisia Sousa da Costa

Elias dos Santos Barbosa

Elisângela das Neves Aguiar

Jussara Bispo dos Santos

Maria Augusta Cortial Chagas da Silva

Marisa Carreiro Faustino

Rosângela De Gino Bento

Roseli Gonçalves dos Santos

Tânia Regina Gonçalves do Vale

Solange Alcântara Neves da Rocha

Colaboradores

Edvânia Maria Barros Lima

Gabriel Souza Pereira

Gabriel Teixeira Guia

Jorge Luiz Lopes

José Raimundo dos Santos Neris

Shirley Conceição Silva da Costa

Silvana Maria de Carvalho Pereira

Projeto Gráfico e Diagramação

Bárbara Monteiro

À Comunidade Escolar,

A pandemia do coronavírus explicitou problemas e introduziu desafios para a educação pública, mas apresentou também possibilidades de inovação. Reconnectou-nos com a potência do trabalho em rede, não apenas das redes sociais e das tecnologias digitais, mas, sobretudo, desse tanto de gente corajosa e criativa que existe ao lado da evolução da educação baiana.

Neste contexto, é com satisfação que a Secretaria de Educação da Bahia disponibiliza para a comunidade educacional **os Cadernos de Apoio à Aprendizagem**, um material pedagógico elaborado por dezenas de professoras e professores da rede estadual durante o período de suspensão das aulas. Os Cadernos são uma parte importante da estratégia de retomada das atividades letivas, que facilitam a conciliação dos tempos e espaços, articulados a outras ações pedagógicas destinadas a apoiar docentes e estudantes.

Assegurar uma educação pública de qualidade social nunca foi uma missão simples, mas, nesta quadra da história, ela passou a ser ainda mais ousada. Pois, além de superarmos essa crise, precisamos fazê-la sem comprometer essa geração, cujas vidas e rotinas foram subitamente alteradas, às vezes, de forma dolorosa. E só conseguiremos fazer isso se trabalharmos juntos, de forma colaborativa, em redes de pessoas que acolhem, cuidam, participam e constroem juntas o hoje e o amanhã.

Assim, desejamos que este material seja útil na condução do trabalho pedagógico e que sirva de inspiração para outras produções. Neste sentido, ao tempo em que agradecemos a todos/as que ajudaram a construir este volume, convidamos educadores e educadoras a desenvolverem novos materiais, em diferentes mídias, a partir dos Cadernos de Apoio, contemplando os contextos territoriais de cada canto deste “país” chamado Bahia.

Saudações educacionais!

Jerônimo Rodrigues



UNIDADE

3

A Bahia e as suas culturas ancestrais

Objetos de Conhecimento:

1. As Culturas, as identidades e a alteridade. 2. Diversidade cultural na sociedade brasileira. 3. Espetacularização das festas populares. 4. Conceito contemporâneo de cultura – Indústria Cultural.

Competência(s):

1. Contextualizar, analisar e avaliar criticamente as relações das sociedades com a natureza e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de soluções que respeitem e promovam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global.
2. Reconhecer e combater as diversas formas de desigualdade e violência adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários respeitando os Direitos Humanos.
3. Participar, pessoal e coletivamente, do debate público de forma consciente e qualificada, respeitando diferentes posições, com vistas a possibilitar escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

Habilidades:

1. (EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana (estilos de vida, valores, condutas etc.), desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade e preconceito, e propor ações que promovam os Direitos Humanos a solidariedade e o respeito às diferenças e às escolhas individuais.
2. (EM13CHS601) Relacionar as demandas políticas, sociais e culturais de indígenas e afrodescendentes no Brasil contemporâneo aos processos históricos das Américas e ao contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual.
3. (EM13CHS303) Debater e avaliar o papel da indústria cultural e das culturas de massa no estímulo ao consumismo, seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas a uma percepção crítica das necessidades criadas pelo consumo.

TEMA: As culturas, as identidades e a alteridade

Objetivos de Aprendizagem: Discutir criticamente os conceitos de relativismo cultural, diversidade cultural, etnocentrismo e xenofobia. Compreender que a identidade cultural envolve a experiência e a consciência de pertencer a um coletivo.

Semana	Aula	Atividade
1	1	Questionário e leitura imagética.
2	2	Criação de um dicionário informal sobre os conceitos de cultura; identidade; diversidade cultural; visão de mundo; alteridade; etnocentrismo e xenofobia.
3	3	Produzir uma campanha contra xenofobia, a partir das reflexões feitas, da elaboração de <i>charge</i> , cartaz e/ou história em quadrinhos, para compor um grande mural.

TEMA: Diversidade cultural na sociedade brasileira

Objetivos de Aprendizagem: Identificar que civilização expressa o conceito que a sociedade ocidental tem de si mesma. Discutir sobre diferentes expressões culturais no âmbito da sociedade globalizada. Refletir sobre a desvalorização da contribuição indígena e a marginalização dessas comunidades no Brasil.

Semana	Aula	Atividade
4	4	Questionário, leitura imagética.
5	5	Pesquisa em jornais e revistas notícias sobre povos indígenas.
6	6	Criação de letra de música ou paródia.

TEMA: Espetacularização das festas populares

Objetivos de Aprendizagem: Identificar o indivíduo como elemento central para a compreensão da relação indivíduo e sociedade, a partir da concepção weberiana. Refletir sobre a violência contra a mulher, relacionando-a as ações sociais em Weber.

Semana	Aula	Atividade
7	7	Questionário, leitura imagética, interpretação de texto, entrevistas com familiares.
8	8	Compreender o conceito de indústria cultural e como este engloba os mecanismos que transformam os meios de comunicação de massa em poderosos instrumentos, de formação e padronização de opiniões, gostos e comportamentos. Analisar a influência e impacto da indústria cultural nas festas populares da Bahia.





1. PONTO DE ENCONTRO

Olá, Estudante! Que bom nos encontrarmos novamente para mais uma jornada de aprendizado! Nesta caminhada trataremos sobre a **diversidade cultural na sociedade brasileira** e veremos conceitos que se relacionam com esta temática. Você está convidado a me acompanhar nessa viagem, para compartilharmos conhecimento. Prepare o **caderno** e a caneta e vamos em frente!

2. BOTANDO O PÉ NA ESTRADA

Nossa caminhada tem início com alguns questionamentos que lhe proponho. Lembrando que é muito importante que faça anotações em seu **caderno** durante todo o nosso trajeto por aqui.

- 1 Você acompanhou as notícias nos jornais e nas diversas mídias sociais sobre o local de surgimento da Covid-19? Já escutou ou leu alguma piada ou crítica sobre esse país (China) ou algum costume ou hábitos alimentares, por exemplo, das pessoas que lá vivem?
- 2 E sobre o seu local de nascimento, seu Estado, você já escutou algum comentário pejorativo, elogios ou críticas aos seus habitantes? Em que contexto isso aconteceu?
- 3 Você concorda com esses comentários? Identifica-se com essas opiniões? Acredita que todos aqueles que nascem em um determinado lugar possuem as mesmas características e agem da mesma forma?
- 4 Acha que existe alguma relação entre os comentários pejorativos sobre os chineses e os baianos? Há algo que chama sua atenção nesses comentários?

3. LENDO AS PAISAGENS DA TRILHA

Observe as imagens com cuidado e registre as respostas no seu **caderno**:

- 1 Qual a mensagem vinculada às imagens?
- 2 Essas imagens possuem alguma relação com comentários pejorativos feitos ao povo chinês ou a nordestinos?
- 3 Qual imagem mais chamou sua atenção? Por quê?
- 4 Você acha que elas possuem alguma relação entre si? Justifique.
- 5 O que você pensa sobre uma manchete de revista trazer em sua capa São Paulo como sendo a capital do nordeste?

Figura 1



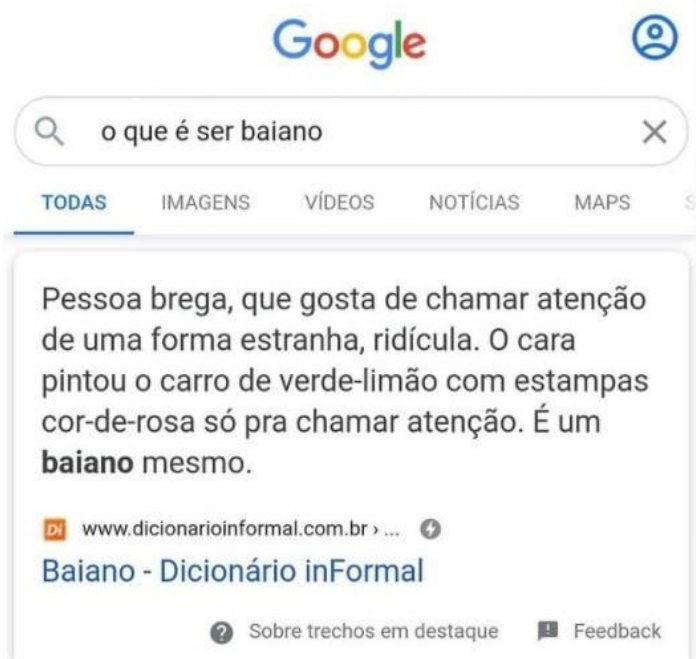
Crédito: Lisa Wool-Rim Sjöblom Disponível em: <http://museudaimigracao.org.br/uploads/blog/materias/descricao/imagem-1-b-11-09-2020-13-10.jpg> Acesso em 12 dez.2020.

Figura 2



Disponível em: <https://www.clubedecriacao.com.br/ultimas/olhe-pro-seu-preconceito/>. Acesso em: 09 dez. 2020.

Figura 3



Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2021/01/25/definicao-de-baiano-gera-polemica-na-internet-e-influencers-rebatem-a-gente-chama-atencao-na-pesquisa-literatura-cultura-e-musica.ghtml> Acesso em 26 jan.2020.

Figura 4



Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/fake-news/46240-sopa-de-morcego-e-o-coronavirus-e-fake-news>. Acesso em: 25 jan.2021.



Figura 5

Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/wp-content/uploads/2021/01/screen-shot-2021-01-23-at-16-20-08.png> Acesso em: 13 maio 2021.

Disponível: <https://revistaforum.com.br/redes-sociais/veja-sp-e-acusada-de-preconceito-ao-chamar-sao-paulo-de-a-capital-do-nordeste/>. Acesso em: 25 jan.2020

Para saber mais acesse as aulas e leia o texto:

As identidades individuais e coletivas – Sociologia, 1ª série 2019, EMITEC

Disponível em: <http://pat.educacao.ba.gov.br/emitec/conteudo/exibir/5243>.
Acesso em: 08 dez.2020.

O etnocentrismo e as relações entre culturas

Disponível em: <https://blogdoenem.com.br/etnocentrismo-sociologia-enem/>
Acesso em: 08 dez.2020.

A nova agenda Política conservadora: Estamos Involuindo?

História, 3º série 2019, EMITEC

Disponível em: <http://pat.educacao.ba.gov.br/emitec/conteudo/exibir/6391>. Acesso em: 10 dez.2020.

4. EXPLORANDO A TRILHA

Vamos continuar o nosso caminho com o desafio de sistematizar alguns conceitos-chave, eles serão de fundamental importância para que você possa dar passos seguros em seu trajeto. Com certeza você já ouviu falar em termos como cultura e identidade, que tal fazer um dicionário informal de alguns conceitos? Escreva em seu **caderno** o que você entende por cultura; identidade; diversidade cultural; visão de mundo; alteridade; etnocentrismo e xenofobia. Acrescente, exemplos para cada um dos verbetes do seu dicionário informal.

Se não souber o significado faça uma pesquisa em seu livro didático ou mesmo na *internet*, mas não se esqueça de que sua tarefa trata da confecção de um dicionário informal, portanto, você deverá colocar, com suas palavras, o seu entendimento sobre os conceitos.

Você pode pensar também em acrescentar a opinião de familiares e amigos, sobre esses conceitos, pode ser divertido perceber equívocos, controvérsias, polêmicas ou as diferenças entre a utilização de conceitos no senso comum e na Sociologia.

Em seguida relacione os conceitos de identidade, cultura e alteridade apontando quais são as duas possibilidades de posturas adotadas, pelas pessoas, diante da diversidade cultural.

Sigamos na trilha para não se perder no caminho. Para avançarmos, leia os textos a seguir:

Texto 1 – A xenofobia e sua ligação com o etnocentrismo

Ao decorrer das gerações, alguns grupos étnicos se elevaram em relação a outros menos favorecidos economicamente e tecnologicamente. Com a ascensão e o poder destes grupos, demais etnias e culturas começaram a ser menosprezadas, tornadas como ridículo ou motivo de ódio.

Tomando como base a realidade atual mundial, podemos fazer uma analogia e dizer que o povo europeu é um destes membros opressores que se mantém nessa posição etnocentrista. Com vários países europeus possuindo partidos políticos que visam o favorecimento da “população nacional”, começa a ocorrer o surgimento agrupado de xenófobos organizados, na qual por muitas vezes se manifestam contrários, publicamente, acerca de imigrantes ou descendentes desses. (No caso europeu, principalmente muçulmanos).

Em um mundo tão moderno como o atual, é incrível ainda ouvir pessoas discutindo sobre superioridade de tal nação tendo como critérios sua cultura, características físicas e afins, já que além de ser uma ação puramente etnocentrista e sem fundamentos, esses comentários “a la Gobineau” muitas vezes servem apenas para que o indivíduo agressor se auto afirme. Mas mesmo assim, é visível que um grande número de pessoas ainda tem essas atitudes.

É interessante notar que a ideia de xenofobia não se restringe apenas para imigrantes, mas também a migrantes – pessoas da própria nação. Tomando o Brasil como exemplo, infelizmente é comum encontrar – principalmente por meios digitais como a *internet* – indivíduos que difamam pessoas de outros estados e regiões como, por exemplo, o Acre e todo o nordeste. [...] Felizmente o xenofobismo não é uma atitude exercida por toda a população. [...]

Concluindo, a xenofobia é um grave problema social, que se analisado, ocorre em maior escala em países desenvolvidos, onde os indivíduos sentem-se ameaçados de certa forma por povos diferentes. Essa aversão a estrangeiros, contudo, é inexplicável, já que com um mundo globalizado que pertencemos até mesmo o país onde vive o xenófobo, ao longo dos tempos, recebeu certa influência estrangeira.

Disponível em: <https://www.geledes.org.br/xenofobia-e-sua-ligacao-com-o-etnocentrismo/>. Acesso em 05 jan.2020. (Adaptado)

Texto 2 – Identidade e Alteridade

Identidade é o conjunto de caracteres próprios e exclusivos com os quais se podem diferenciar pessoas, animais, plantas e objetos ina-



nimados uns dos outros, quer diante do conjunto das diversidades, quer ante seus semelhantes.

“Identidade” é também um conceito importante em matemática; constitui o seu pilar principal através do ‘Princípio da Identidade’: o axioma fundamental da matemática.

Como podemos ver, sua conceituação interessa a vários ramos do conhecimento (história, sociologia, antropologia, direito, etc.), e tem, portanto, diversas definições, conforme o enfoque que se lhe dê, podendo ainda haver uma identidade individual ou coletiva, falsa ou verdadeira, presumida ou ideal, perdida ou resgatada. Identidade ainda pode ser uma construção legal, e, portanto, traduzida em sinais e documentos, que acompanham o indivíduo.

Especialmente caro para a Antropologia, o conceito é discutido desde o início do séc. XX, com os estudos dos alunos de Franz Boas. Apesar disso, o conceito era lateral na época. Sempre mobilizado em articulação com algum outro fenômeno social, representava a imagem que o grupo produzia de si mesmo, representando uma noção de equilíbrio. Posteriormente o conceito alcançou novo estatuto, resultado dos efeitos do avanço do capitalismo e da globalização. O aumento do fluxo de pessoas, mercadorias e informações fez com que a noção de identidade se conectasse à noção de distinção, pois esse contexto intensificou a percepção da diferença.

O conceito de identidade ganha assim nova roupagem frente aos limites dos conceitos de cultura e etnicidade para dar conta da diferença. Indivíduos no interior de etnias e culturas não apresentam comportamento similar para que sejam classificados homoganeamente. A acentuação a diferença e a influência desses fluxos cada vez mais intensos são tão fortes que produzem particularidades mais profundas. De onde você é e quais são seus ancestrais já não dão conta de como as pessoas enxergam a si mesmas.

O que você faz no dia a dia passa a ser o foco. A partir do pensamento interpretativo de Geertz a Antropologia passa a perseguir ações, práticas e sentidos. A experiência do cotidiano de cada um passa a ser a composição da identidade e a principal forma de diferenciação entre as pessoas e grupos. A identidade é vista sempre como transitória, inacabada, sempre em construção. Mas por que o conceito de identidade se torna tão importante? Ora, porque a vida social se fragmentou tanto que não dá mais para usar categorias tão estáveis na sua análise. Qualquer pessoa tem múltiplas opções. A identidade não se preocupa com o que somos por origem ou pertencimento, mas com o que escolhemos por ação ou adesão.



Apesar disso, o conceito não está baseado numa concepção individualista da estrutura social, como se a identidade fosse uma mercadoria que adquirimos e trocamos quando está desgastada. A identidade articula a trajetória individual com a vida em comum, aquilo que fazemos e deixamos de fazer, a teia de fenômenos que compõem a sociedade. Aquilo que está fora do nosso alcance e controle é essencial para a formação da identidade, ou seja, a percepção da diferença se dá pelo contraste. A interação social com grupos diferentes e até formas de preconceito e discriminação moldam tanto nossa percepção sobre nós quanto aquilo que reconhecemos ser nossa composição.

Daí o conceito de alteridade ganha cada vez mais relevo. Antes condicionado também a noção de diferença social/cultural, ligada à noção de equilíbrio estrutural proporcionada por percepções como região de nascimento, ancestralidade, etnicidade etc. a alteridade passa a ser mobilizada para demonstrar a importância da diferença na composição do “eu”. A Alteridade (ou outridade) é, então, a concepção que parte do pressuposto básico de que todo o homem social interage e interdepende de outros indivíduos. Assim, como muitos antropólogos e cientistas sociais afirmam a existência do “eu-individual” só é permitida mediante um contato com o outro (que em uma visão expandida se torna o Outro – a própria sociedade diferente do indivíduo). Dessa forma eu apenas existo a partir do outro, da visão do outro, o que me permite também compreender o mundo a partir de um olhar diferenciado, partindo tanto do diferente quanto de mim mesmo, sensibilizado que estou pela experiência do contato.

Disponível em: <https://dex.descomplica.com.br/enem/sociologia/extensivo-enem-identidade-e-alteridade-2/explicacao/1>. Acesso em: 10 jan. 2021.

5. RESOLVENDO DESAFIOS DA TRILHA

Agora que você já fez as leituras e pesquisas, dará mais alguns passos respondendo às questões a seguir:

- 1 (ENEM/2015) Quanto ao “choque de civilizações” é bom lembrar a carta de uma menina americana de sete anos cujo pai era piloto na Guerra do Afeganistão: ela escreveu que – embora amasse muito o seu pai – estava pronta a deixá-lo morrer, a sacrificá-lo pelo seu país. Quando o presidente Bush citou suas palavras, elas foram entendidas como manifestação “normal”



de patriotismo americano; vamos conduzir uma experiência mental simples e imaginar uma menina árabe maometana pateticamente lendo para as câmeras as mesmas palavras a respeito do pai que lutava no Talibã – não é necessário pensar muito sobre qual teria sido a nossa relação.

ZIZEK, S. **Bem-vindo ao deserto do real**. São Paulo: Bom Tempo, 2003.

A situação imaginária proposta pelo autor explicita o desafio atual do/a:

- a) prática da diplomacia. d) universalização do progresso.
- b) exercício da alteridade. e) conquista da autodeterminação.
- c) expansão da democracia.

- 2 Que processos levam à formação de uma identidade cultural?
- 3 O que você entende por diversidade cultural? Cite exemplos desse fenômeno e explique como ocorre no Brasil.
- 4 Qual a relação entre movimentos minoritários (religiosos, sexuais, profissionais, de gênero, etc.) e a busca por identidade?
- 5 Você poderia citar algum caso que teve bastante repercussão envolvendo xenofobia?

6. A TRILHA É SUA: COLOQUE A MÃO NA MASSA

Este é o momento em nossa caminhada em que você “liga o modo artista” explorando os seus dons artísticos. Durante o nosso trajeto, até aqui refletimos, entre outras coisas, sobre atitudes e comentários preconceituosos e etnocêntricos. Toda essa reflexão pode ser transformada em uma *charge*, um cartaz ou mesmo em uma história em quadrinhos (HQs). Solte a sua imaginação!

7. TRILHA NA MINHA VIDA

As reflexões feitas pela Sociologia se relacionam diretamente com a nossa existência e experiência, que tal se posicionar e trazer um pouco mais da

sua experiência pessoal? Escreva sobre as características que identificam você como brasileiro/a, destacando seus costumes, similaridades e diferenças daquelas pessoas que você conhece. Se você não tiver saído de sua cidade, pense nas pessoas que conheceu e que eram de outros lugares, ou em costumes que já viu em algum filme, ou jornal, por exemplo. Não se esqueça de compartilhar com seus colegas de sala aquilo que escreveu. Boa escrita!

8. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO SOCIAL

Sabemos que o Brasil é um país culturalmente muito diverso e que essa diversidade nem sempre é respeitada. Já pensou em realizar na sua escola, uma campanha contra xenofobia? Aproveitem os cartazes, *charges* e histórias em quadrinhos realizados durante essa nossa caminhada para recriar, reescrever frases e dizeres xenofóbicos. Proponha a construção de um grande mural na sua escola para dar maior visibilidade às problemáticas geradas pela xenofobia. Se possível, junte-se a um coletivo de estudantes para a realização desta tarefa. Sigamos juntos!

9. AUTOAVALIAÇÃO

Que bom ter você junto comigo nesta reta final! É chegado o momento de refletir sobre a sua trajetória até aqui. Para isso responda as perguntas a seguir:



a) Você conseguiu realizar esta atividade no tempo previsto e cumpriu os prazos?



b) Percorrer a trilha ajudou você a refletir sobre suas atitudes e entender melhor alguns aspectos da sua identidade?



c) Considera que a trilha ajudou a fazer uma leitura, mais crítica, a respeito de comentários desrespeitosos sobre outros povos?



d) Você acha que consegue aplicar na sua vida as aprendizagens dessa aula? Comente.

Anote suas respostas para socializar durante o Tempo Escola. Até a próxima!



1. PONTO DE ENCONTRO

Olá, tudo bem com você? Vamos percorrer mais um caminho superinteressante e cheio de aprendizados sobre **o conceito contemporâneo de cultura**, faremos isso a partir de questionamentos sobre o nosso entendimento a respeito dos povos indígenas. Sigamos juntos!

2. BOTANDO O PÉ NA ESTRADA

O começo da nossa caminhada se dará com uma conversa sobre quais foram as últimas notícias, que você teve acesso, sobre os povos indígenas no Brasil. De que se tratavam essas notícias? Eram favoráveis aos indígenas ou significavam algum perigo ou prejuízo? Você conhece quais são as reivindicações desses povos? Elas mudaram no decorrer do tempo ou permaneceram as mesmas? Qual é a posição do atual governo, com relação a essas reivindicações?

Para incrementar ainda mais as suas respostas, selecione algumas reportagens/notícias relacionadas aos povos indígenas e perceba as semelhanças existentes entre elas, vale informações obtidas pela televisão, internet ou mesmo pelas redes sociais.

Selecionou e leu essas notícias? Agora reflita e registre as suas impressões sobre elas no caderno.

Nesse início da nossa jornada lhe faço uma provocação:

- 1 Quem você pensa que é o índio? O que você sabe ou pensa que sabe sobre eles?

Vamos adiante!

3. LENDO AS PAISAGENS DA TRILHA

Analise as imagens (Figuras 1, 2, 3 e 4) da nossa trilha, observe o que as pessoas estão fazendo. Anote em seu caderno qual a mensagem vinculada às imagens, a relação entre elas e as notícias que pesquisou.

Destaque qual imagem mais chamou sua atenção e por quê.

Figura 1



Disponível em: <https://www.unijui.edu.br/unijui-fm/noticias/26210-conheca-o-grupo-de-rap-indigena-bro-mc-s-que-compos-em-guarani>. Acesso em 10 jan.2020

Figura 2



Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/06/01/18-mil-indigenas-sao-infectados-por-covid-19-em-78-povos-no-brasil-diz-organizacao.ghtml>. Acesso em: 25 jan 2021

Figura 3



Disponível em: <https://axa.org.br/2015/05/ruralistas-aprovam-indenizacao-de-propriedades-em-terras-indigenas/>. Acesso em: 15 jan.2021.jan.2020

Figura 4



Jovens Kainqang em projeto Web Indígena: preservação da língua

Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252013000200006. Acesso em: 15 jan.2021.

Para saber mais acesse as aulas e os *links*:

Povos Indígenas do Brasil

Disponível em: <http://pat.educacao.ba.gov.br/emitec/conteudo/exibir/11215>.
Acesso em: 23 jan.2020.

COHN, Clarice. Culturas em transformação os índios e a civilização

Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000200006. Acesso em: 18 dez.2020.

Cultura

Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociedade/cultura/>.
Acesso em: 22 jan. 2021.

4. EXPLORANDO A TRILHA

Vamos avançar em nossa caminhada lendo o texto 1 que fala um pouco mais sobre esses povos originários e nosso imaginário sobre eles.

Texto 1 – O índio que mora na nossa cabeça: Sobre as dificuldades para entender os povos indígenas

[...] os maiores obstáculos que os brasileiros enfrentam para entender os índios não estão naquilo que eles não sabem, e sim naquilo que pensam que sabem sobre os índios.

[...] Então, faça uma consulta a sua memória sobre quais características lhe ensinaram desde cedo que um índio teria. Geralmente, elas têm a ver com o andar nu ou seminu, pintar-se, cantar e dançar, usar arco e flecha, morar em aldeias, em casas de palha etc.

Aliás, por que será que os brasileiros têm tanta segurança para falar sobre o que são os povos indígenas, se a maioria dos que moram em cidades jamais teve contato direto com um grupo indígena?

[...] O antropólogo sul-africano *Adam Kuper*, fala um pouco sobre essa necessidade que nós, não indígenas, temos de pensar nos índios como “primitivos”, como pessoas que estão “congeladas” no tempo.

Mas a verdade é que essa carência (de tecnologias, de instituições), sempre imaginada pelos europeus, acabou sendo pensada como uma questão de



tempo, como se o encontro com os indígenas fosse um encontro com o próprio passado da humanidade, antes que ela “evoluisse” e inventasse coisas como as roupas ou o Estado. [...] por que temos essas ideias de que só nós mudamos, e os indígenas não? [...]

Ao contrário do que alguns pensam o termo “evolução” não surgiu com as pesquisas de *Charles Darwin*, a ideia de evolução como algo relacionado à ideia de progresso, surgiu a partir da obra do filósofo *Herbert Spencer* que começou a associar as ideias de progresso e evolução, no sentido de transformação social, a obra posterior de *Darwin* soou como uma confirmação das ideias que *Spencer* desenvolvia.

Como a ideia de evolução é algo muito assentado na biologia, muito comum e se encontra em livros didáticos, fica fácil imaginar a analogia entre evolucionismo biológico e evolucionismo social. [...] é como se houvesse uma relação direta entre a melhoria da qualidade de vida e a tecnologia. Se um grupo tem arco e flecha, é “mais avançado” que outro que não tenha. Se escreve, é promovido a “civilizado”. É como se tivesse uma só linha possível para a evolução, esse critério é algo bem presente em nosso cotidiano até hoje.

[...] Uma observação mais atenta sobre o modo como os povos indígenas vivem pode destruir uma série de certezas que as pessoas que moram nas cidades têm sobre o sentido de suas vidas, em função de tudo o que ouvem cotidianamente na TV, nos jornais, na publicidade.

Talvez você continue achando que, sim, o estilo de vida moderno é superior ao dos indígenas, em função das tecnologias, dos hábitos etc.

Não se preocupe, saiba que a ideia de que a sua própria cultura é superior a todas as outras é mais comum do que você imagina. Há uma série de grupos mundo afora que pensam exatamente o contrário: que o estilo de vida deles é muito superior ao nosso, muito mais racional, lógico e coerente. [...]

Como se vê, a superioridade dos ocidentais e dos europeus não é unanimidade. Aliás, depois que a antropologia começou a colecionar estudos sobre sociedades do mundo todo, e particularmente sobre os povos indígenas, percebeu-se que é generalizado esse sentimento de que a forma de um grupo pensar e fazer as coisas é superior a de todos os demais, sendo ainda mais natural, a mais lógica, a mais correta. [...]



Mas, se toda cultura é etnocêntrica, só a ocidental é etnocida [...] porque a modernidade impõe uma forma de Estado que é desenfreadamente etnocida, em função de sua necessidade de expansão ilimitada da produção capitalista. A produção tem sempre de aumentar para que se produza o “crescimento econômico”

A valorização da diferença passa pelo seu reconhecimento. Os povos indígenas não são um estágio “atrasado” da evolução humana. Eles são simplesmente grupos de pessoas que tiveram processos históricos distintos em suas trajetórias. Desde o primeiro encontro entre europeus e povos indígenas, muitas trocas foram efetuadas.

Se os europeus repassaram a eles os instrumentos de metal, considerados particularmente úteis e, desde o primeiro momento, muito valorizados, deve ser reconhecido que eles também retribuíram com uma série de conhecimentos – além do trabalho e informações sobre o ambiente, os caminhos etc.

As plantas que haviam domesticado, por exemplo, são usadas até hoje em nossa medicina e na alimentação, bem como vários processos para torná-las comestíveis. O exemplo mais notável é o da mandioca, cujas variedades venenosas são transformadas em alimento por meio da relação e da espremedura do suco tóxico. Vastas regiões da África têm hoje na mandioca uma fonte primordial de alimentação. Isso sem falar no milho, no girassol, no amendoim e até mesmo em plantas que as pessoas às vezes associam à Europa, como tomate (fala-se às vezes em “tomate italiano”), ou a batata (que não é inglesa, mas foi domesticada pelos povos indígenas). A quantidade de exemplos é enorme.

Como assim cultura?

É comum encontrar pessoas que diriam que os indígenas já estão aculturados ou que “já estão integrados à nossa sociedade”. [...] É questionada sua “autenticidade”. Em grupos indígenas do nordeste, por exemplo, as pessoas são questionadas sobre sua “autenticidade”, por não terem cabelo liso ou manterem práticas religiosas que são consideradas de origem africana e não indígena.

Para você entender como a ideia de integração era usada em nosso país é interessante compreender o Estatuto do Índio, uma lei criada em 1973, no período da ditadura militar. [...] A lei já começa dizendo que seu objetivo é



a “integração” dos índios, ou seja, é fazer com que ele deixe de ser como ele é e se torne como nós. Chama atenção que não se menciona a vontade, o desejo dos povos indígenas, que não se propõe perguntar primeiro a eles se preferem “integrar-se” ou permanecer lá onde estão. Do jeito que está a integração vira uma imposição, uma violência – ou seja, um etnocídio. [...] Ela foi feita desse jeito porque a condição de indígena era vista como algo transitório e mesmo indesejável – inclusive, porque “atrapalhava” o desenvolvimento do país, uma mentalidade evolucionista (e etnocida) está por trás desse tipo de intenção. A ideia de que os indígenas vão aprender a lidar com a nossa tecnologia, a viver como nós vamos adotar a nossa religião, nossos costumes e só aí poderão ser felizes. O estatuto não ficava nisso, ele ainda determinava que, conforme o “grau de integração”, o grupo indígena tinha mais ou menos direitos.

Desde pequenos somos acostumados a identificar uma série de traços para entender o que define um indígena. Se você pensar bem, esses traços não estão muito distantes daqueles cinco ou seis elementos que sua escola destacou para criar uma “fantasia” de índio para a festa de 19 de abril: andar de tanga, ter o corpo pintado, usar arco e flecha... Agora será que é isso que define o que é ser índio na opinião dos próprios índios?

[...] Para resumir: o que conta são os traços que os próprios grupos elegem como significativos. Por isso é que elementos como o cocar, por exemplo, acabam aparecendo, para que a pessoa seja reconhecida pelos não indígenas como indígena.

Imagine que você é brasileiro e viajou ao exterior. Você é detido no aeroporto pela polícia, que desconfia que seu passaporte seja falsificado. Mal falando a língua desse outro país, como você faria para que eles acreditassem que é brasileiro? Você certamente não cantaria ou dançaria um rap ou rock, e sim o samba. Você poderia mostrar uma camisa da seleção brasileira de futebol que traz na mala. Se mostrasse a camisa do Corinthians ou do São Paulo, pode ser que o sujeito não o reconhecesse como brasileiro. Esse é o mundo das diferenças culturais. É esse tipo de situação que você precisa ter em mente para entender melhor muitas atitudes dos povos indígenas. [...]

É preciso muita atenção, porque, apesar de os traços culturais às vezes parecerem definir aos nossos olhos determinado grupo, eles estão sempre



mudando. [...] É essa perspectiva, surgida a partir dos estudos sobre a identidade étnica, que mudou a noção que se tinha de cultura. Na concepção da professora Manuela Carneiro da Cunha - A cultura, por sua vez, não é um conjunto de traços dados, e sim a possibilidade de gerar esses traços, num sistema que está sempre mudando. Assim, segundo ela, os índios “não são nada disso, apenas estão ocupando certas posições no nosso imaginário. Ou seja, qualquer essencialismo é enganoso”.

PIMENTAL, Spensy. **O índio que mora na nossa cabeça**: sobre as dificuldades para entender os povos indígenas. São Paulo: Prumo, 2012. (Adaptado).

Preparado para mais alguns questionamentos? Vamos lá:

- 1 Estabeleça diferenças entre cultura e civilização.
- 2 O que é aculturação? O fato de que alguns indígenas produzem conteúdo digital, falando sobre seus povos, significa que foram aculturados? Justifique sua resposta.
- 3 O que estimula o preconceito em relação ao “índio”?
- 4 Nas sociedades pluralistas o preconceito em relação aos grupos diferentes (minorias) é menor? Por quê?
- 5 Qual crítica aos teóricos evolucionistas sociais está presente no texto?

5. RESOLVENDO DESAFIOS DA TRILHA

- 1 (Enem/2017) Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm
Acesso em: 13 maio 2021.

A persistência das reivindicações relativas à aplicação desse preceito normativo tem em vista a vinculação histórica fundamental entre:

- a) etnia e miscigenação racial.
- b) sociedade e igualdade jurídica.
- c) espaço e sobrevivência cultural.
- d) progresso e educação ambiental.
- e) bem-estar e modernização econômica.

Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/questoes-sociologia-enem/>
Acesso em: 18 jan.2020.

2 Sobre o conceito de cultura, podemos afirmar:

- a) a cultura é universal e definida pela política, economia e educação das sociedades em que se desenvolve.
- b) a cultura é sinônimo de educação e envolve o saber sobre a arte, as leis e a moral.
- c) a cultura é conjunto de tradições, crenças e costumes de determinado grupo social.
- d) a cultura representa uma rede de significados que foi imposta pelos povos da antiguidade.
- e) a cultura gera determinados padrões que são considerados corretos e utilizados por todos.

Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/questoes-sociologia-enem/>
Acesso em: 18 jan.2020.

Para saber mais: Estude sobre cultura, relativismo cultural, o desenvolvimento da antropologia social e suas contribuições para os estudos da sociedade no Livro didático de Sociologia. Sugestão:

SILVA, Afrânio; et al. **Sociologia em movimento**. São Paulo: Moderna, 2013.

Assista aos vídeos:

Cultura e vida social. Sociologia 1º série, EMITEC

Disponível em: <http://pat.educacao.ba.gov.br/emitec/conteudo/exibir/5706>

Acesso em: 19 set.2020.

6. A TRILHA É SUA: COLOQUE A MÃO NA MASSA

É chegada a hora de mostrar seu espírito inovador, que tal a criação de uma letra de *rap*? Os meninos do Bro MC's (grupo indígena de *rap*) definem o rap como uma “ferramenta” a serviço da luta indígena pela recuperação de suas terras e contra racismo. Caso queira, e se identifique com outro gênero musical fique a vontade para se expressar. Seja criativo!

7. TRILHA NA MINHA VIDA

Neste momento do nosso caminho é chegada a hora, de colocar no papel, ainda mais, a sua experiência e seus pensamentos. Qual é a sua opinião sobre tudo o que leu e refletiu até agora? Quais são seus pensamentos e posicionamentos, com relação à valorização dos povos indígenas na nossa história e na nossa cultura? Compartilhe sua experiência ou de familiares, escreva sobre o “índio” que mora na sua cabeça.

8. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO SOCIAL

Ainda há muito desconhecimento sobre os povos originários e suas culturas no Brasil. Essa será uma ótima oportunidade para compartilhar conhecimento sobre sua atual situação em nosso país. Pode ser feita uma sessão com vídeos, produzidos pelos próprios povos indígenas associadas

a uma exposição de dados relativos às desigualdades territoriais, o desmatamento acumulado, enfim, aos indígenas no Brasil de hoje na sua região.

Para ajudar na seleção dos vídeos visite o canal:

Vídeo nas aldeias – YouTube

Disponível em: www.youtube.com/videonasaldeias. Acesso em: 23 set. 2020.

9. AUTOAVALIAÇÃO

Compartilhe como foi essa caminhada para você.



a) Você conseguiu realizar esta atividade no tempo previsto e cumprir os prazos?



b) A trilha ajudou você a entender melhor o que é cultura para a Antropologia?



c) Você acha que consegue aplicar na sua vida as aprendizagens dessa trilha? Comente.

Até a próxima, sigamos trilhando!





1. PONTO DE ENCONTRO

Olá Estudante! É uma enorme satisfação encontrar você para trilharmos juntos mais uma vez! Nesta jornada falaremos sobre **indústria cultural**, refletindo sobre seu impacto nas práticas sociais locais. Não se esqueça do **caderno** e da caneta, seus companheiros de trilha!

2. BOTANDO O PÉ NA ESTRADA

O Brasil possui a imagem de um país de festa, de muitas festas que expressam nossa diversidade cultural. Na Bahia isso não é diferente, existem várias festas populares, celebrações de santos padroeiros, etc. Nossa estrada terá início com você listando o que sabe sobre as festas da Bahia.

- 1 Elabore uma síntese sobre as festas tradicionais especificamente da sua região (ou cidade). Para começar, pergunte a familiares e pessoas mais velhas como eram, por exemplo, as festas de São João, ou o Carnaval celebrado no tempo em que eles eram adolescentes. Houve alguma alteração? O que se modificou e o que permaneceu como antes? Existe alguma manifestação cultural, ou festa que só acontece na sua cidade, ou região? Ou alguma festa que deixou de ser realizada, ou substituída por outra? Alguma, dessas festas você associa ou acredita que estão associadas a modismos, imposições e estímulos ao consumo? Alguns, desses espaços onde ocorrem/ocorriam essas manifestações foram transformados em espaços de comercialização?

3. LENDO AS PAISAGENS DA TRILHA

Observe as imagens (Figuras 1, 2, 3 e 4) com cuidado, elas possuem alguma relação com a síntese que você fez na seção “Botando o pé na estrada”?

Alguma delas expressam a resposta de um dos seus entrevistados? Qual imagem mais chamou a sua atenção e por quê? Elas possuem relação entre si? Quais?

Figura 1



Figura 2



Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/festas-juninas/>. Acesso em 12 dez. 2020.

Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/livrosentidosdevocao.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2020.

Figura 3



Disponível em: <https://ribeiradopombal.ba.gov.br/category/cultura/>. Acesso em: 26 jan. 2021.

Figura 4



Disponível em: <https://saojoaonabahia.com.br/destaque/forro-do-piu-piu-2019-divulga-cores-das-camisas>. Acesso em: 25 jan. 2021.

Para saber mais acesse as aulas e leia o texto:

Indústria cultural de massa. Sociologia, 1ª série 2019, EMITEC

Disponível em: <http://pat.educacao.ba.gov.br/emitec/conteudo/exibir/7269>.
Acesso em: 18 dez.2020.

PORFIRIO, Francisco. Cultura de massa – Brasil Escola

Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/cultura-de-massa.htm>. Acesso em 25 jan. 2021.

4. EXPLORANDO A TRILHA

Avancemos um pouco! Na atualidade, as culturas são muito influenciadas tanto por costumes locais quanto por comportamentos que tentam padronizar expressões culturais pelo mundo. Em caminhos percorridos em outras trilhas, refletimos sobre conceitos como cultura, identidade cultural e identidade. Com certeza a essa altura você já deve saber que não existe uma cultura melhor ou pior que a outra, entretanto, é possível distinguir diferentes faces com que a cultura se apresenta. Cultura popular, cultura erudita e cultura de massa. Sua empreitada a esta altura do nosso caminho será: identificar as festas populares selecionadas por você na seção “Colocando o pé na estrada”. Classifique-as de acordo com a perspectiva das formas de produção, consumo e apropriação da cultura.

Sigamos na trilha, e sempre avançando leia os textos a seguir:

Texto 1 – Espetacularização e mercantilização das festas juninas na atualidade

Quais elementos e dinâmica caracterizariam uma festa-espetáculo? Pode-se citar inicialmente a dimensão espacial desses eventos e o seu raio de abrangência. Apesar de ocuparem grandes áreas, a concentração de foliões formando uma grande massa festiva é outro aspecto das festas-espetáculo que as diferenciam de festas comunitárias mais simples, não só pelo aspecto quantitativo no tocante aos festeiros, como também pela alta densidade de pessoas, reduzindo os “espaços abertos” na multidão.

O que se nota tanto em eventos, como o Festival de Verão, de Salvador, quanto nas grandes festas juninas no espaço urbano, em cidades como



Amargosa e Cruz das Almas, é uma massa de festeiros concentrada, passiva e com o olhar focalizando os palcos ou no sentido dos grandes telões.

As comemorações juninas espetacularizadas em diferentes cidades da Região Nordeste do Brasil comprometem as especificidades do festejar, tornando-se eventos repetitivos? Quais as possibilidades de reinvenção territorial da trama festiva em um contexto de mercantilização das festas juninas em arenas privadas? Para se esboçar um desdobramento analítico de questões dessa natureza, preliminarmente faz-se necessária uma apreciação conceitual acerca da concepção de espetacularização urbana na contemporaneidade.

Concepção de espetáculo e o contexto da espetacularização e mercantilização urbana

Segundo Rubim (2005), a palavra espetáculo se originou da raiz semântica latina *spetaculum*, que tem como significado tudo que atrai e prende o olhar e a atenção. Para o referido autor, as variantes encontradas da palavra espetáculo apontam sempre para uma visão atenta de uma determinada circunstância ou evento como espectador. Subirats (1989) remete etimologicamente a palavra espetáculo a *specere*, que significa contemplação humana, referindo-se ao caráter expositivo da representação.

Espectáculo, portanto, é um evento para ser visto e não experienciado ativamente. A sociedade do espetáculo foi uma terminologia encontrada por Debord (1997), para caracterizar a sociedade de massa e de consumo contemporânea e, a partir da sua concepção, desdobraram-se outras vertentes analíticas e conceituais. Após a publicação do seu clássico livro, *A sociedade do espetáculo*, nos anos 1960, surgiram várias acepções ligadas à espetacularização de determinados eventos sociais.

Na sua concepção, a cultura tornada integralmente mercadoria deve também se tornar a mercadoria vedete da sociedade espetacular. O autor destaca que o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade, sendo, portanto, onipresente e permanente sob todas as suas formas particulares – propaganda, publicidade, divertimento.

Partindo dessas acepções, em que se fundamenta a espetacularização das cidades na contemporaneidade? Segundo Harvey (1992), através da concepção dos espaços urbanos espetaculares, os investimentos em imagem se tornaram um meio de atrair capital e pessoas num período no qual a

competição interurbana e o empreendedorismo intensificam-se. Dessa forma, a espetacularização da sociedade vem acompanhada da mercantilização e da necessidade de difundir através dos meios de comunicação, ideias, valores e culturas que antes se limitavam a uma projeção local e regional.

Disponível em: <https://books.scielo.org/id/tqvcj/pdf/castro-9788523211721-04.pdf>. Acesso em 05 jan.2020. (Adaptado).

5. RESOLVENDO DESAFIOS DA TRILHA

É chegada a hora da resolução de algumas questões. Não se esqueça de registrar em seu **caderno** as respostas quando necessário.

- 1 As artes foram submetidas a uma nova servidão: as regras do mercado capitalista e a ideologia da indústria cultural, baseada na ideia e na prática do consumo de “produtos culturais” fabricados em série. As obras de arte são mercadorias, como tudo o que existe no capitalismo.

(Marilena Chauí, Convite à Filosofia).

Segundo o texto, uma das características da indústria cultural é:

- a) exploração comercial das obras de arte.
- b) a valorização do artista e de sua obra de arte.
- c) censura a obras com conteúdo crítico.
- d) liberdade de criação artística.

Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/exercicios-sobre-industria-cultural-e-cultura-de-massa/>. Acesso em: 18 jan.2021.

- 2 Para Theodor Adorno e Max Horkheimer, criadores do conceito de “indústria cultural”, ela assume um caráter alienante, evitando que se desenvolva o pensamento crítico acerca das explorações sofridas no dia a dia.

De que forma é produzida essa alienação?

- a) Criando uma ilusão sobre o cotidiano, amenizando a dura rotina e desenvolvendo a ideia de que está tudo bem.
- b) Criando grupos de proteção à cultura e desenvolvendo ações que combatem a homogeneidade da produção cultural.
- c) Fazendo com que o trabalhador produza e consuma apenas a sua própria cultura, alheio as demais.
- d) Homogeneizando a produção cultural a partir de critérios estipulados pelos governos nacionais.

Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/exercicios-sobre-industria-cultural-e-cultura-de-massa/>. Acesso em: 18 jan.2021.

3 Cultura erudita, popular e de massa são perspectivas relacionadas às formas de produção, consumo e apropriação da produção artística, relacionadas respectivamente a:

- a) classe dominante, manifestações tradicionais e voltadas para o consumo.
- b) maior qualidade, pouca qualidade e nenhuma qualidade.
- c) manifestações autênticas, exigência de formação e produção voltada para o consumo.
- d) apreciação, consumo e reprodução.

Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/exercicios-sobre-industria-cultural-e-cultura-de-massa/>. Acesso em: 18 jan.2021.

4 A cultura de massa têm seus elementos de (origem) formação, consequências e de atuação diferentes dos que estão relacionados à cultura popular. **Monte um quadro comparativo resumindo essas diferenças entre elas.**

Para saber mais:

Estude sobre Indústria cultural e cultura de massa no Livro didático de Sociologia. Sugestão:

SILVA, Afrânio; et al. **Sociologia em Movimento**. São Paulo: Moderna, 2013.

Indústria cultural: Resumo com simulado Enem de Sociologia

Disponível em: <https://blogdoenem.com.br/industria-cultural-simulado-enem/>. Acesso em: 25 jan. 2021

6. A TRILHA É SUA: COLOQUE A MÃO NA MASSA

Já que estamos falando sobre indústria cultural não poderíamos deixar de mencionar a importância dos meios de comunicação para a difusão da cultura de massa, sua criatividade, portanto, deverá se voltar nesse percurso para as redes sociais. A ideia aqui é utilizar todo o seu aprendizado para **fazer pequenos vídeos para compartilhar com seus colegas ou postar nas suas redes sociais**, você poderá também, caso não possua redes sociais, fazer um *meme* ou mesmo um cartaz onde produzirá um meme com as características de uma festa popular “raiz” e uma festa popular “nutella”.

Como inspiração veja a definição e exemplos do *meme* no *link*:

Raiz vs Nutella

Disponível em: <https://www.dicionariopopular.com/raiz-x-nutella/#:~:text=Ent%C3%A3o%2C%20a%20g%C3%ADria%20Nutella%20passou,de%20se%20fazer%20as%20coisas>. Acesso em: 10 jan. 2021.

7. TRILHA NA MINHA VIDA

Nesse trecho do caminho compartilhe suas experiências nessas festas populares. Pode relatar algum caso interessante, os seus gostos, com que frequência você participa, qual a proporção que essas festas possuem na sua cidade e como você se sente com relação a isso. Fique a vontade para relatar a sua vivência!




8. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO SOCIAL

É necessário pensar que atrelada a toda a discussão sobre Indústria cultural e cultura de massa existem reflexões sobre como a Indústria cultural e as redes sociais influenciam os hábitos de consumo da sociedade contemporânea. Que tal então organizar um debate sobre como a Indústria cultural desperta falsas necessidades e um desejo compulsório de consumir nas pessoas? Vocês poderão pedir, por exemplo, a contribuição dos professores de Filosofia da sua escola, para abordarem questões relacionadas ao Ser x Ter. Outra ideia seria a exibição de documentários seguidos de debates sobre consumo consciente. Façam um *fôlder* legal convidando a comunidade como um todo para participar das discussões!

Vamos multiplicar e compartilhar o conhecimento!

9. AUTOAVALIAÇÃO

Chegamos a reta final e também a nossa última trilha. Parabéns por ter chegado até aqui. Vamos pensar mais uma vez sobre como foi a sua caminhada?

- 
- a) Você conseguiu realizar as atividades que compõem a trilha no tempo previsto e cumpriu os prazos?
 - b) Percorrer a trilha ajudou você a refletir sobre a influência dos meios de comunicação na sua vida e em seu padrão/escolhas de consumo?
 - c) Considera que a trilha te ajudou a fazer uma leitura mais crítica a respeito da espetacularização das festas populares?
 - d) Você acha que consegue aplicar na sua vida as aprendizagens dessa aula? Comente.

Lembre-se de sempre seguir em frente. Sucesso!